

Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Prédio sede da CAPES | Imagem: [CGCOM/CAPES](#)

Depurando o Qualis Periódicos para a área de História

Itamar Freitas (UFS) e Margarida Oliveira (UFRN)

Resumo: A notícia analisa o Qualis Periódicos 2026 para a área de História, apontando inconsistências conceituais na definição de “revista de História” e efeitos de prestígio assimétricos decorrentes da noção de “área-mãe”. Argumenta-se que o Qualis, embora negue tal função, orienta hierarquizações editoriais. Propõe-se o Índice de Circulação Interáreas como alternativa analítica baseada na circulação sistêmica das revistas.

Palavras-chave: revistas de História; avaliação; Qualis Periódicos.

A mais recente versão do Qualis Periódicos (Brasil, 2026) foi lançada em janeiro de 2026 e, novamente, suscita controvérsias. De um lado, inaugura um indicador importante para o conhecimento das revistas: o grau de abertura das revistas de História a colaboradores de 49 áreas de conhecimento estabelecidas pela própria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). De outro, alimenta confusão entre autores e leitores sobre o que caracteriza uma revista brasileira de História passível de ofertar ou receber textos nessa área.

O atual relatório do Qualis é uma lista hierarquizada das revistas nas quais os professores e alunos de programas de pós-graduação brasileiros publicaram “artigos científicos” em quadriênio anterior (2021-2024). Conforme explica o *Documento Técnico* da Diretoria de Avaliação da CAPES (Brasil, 2023, p. 1), a instituição “não recomenda e não se responsabiliza pela utilização do Qualis como uma fonte de classificação da qualidade dos periódicos científicos para outros fins que não seja a avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.”

A afirmação é inconsistente, pois o próprio site da CAPES (Brasil, s/d) informa que o instrumento “afere a qualidade dos artigos, a partir da análise de qualidade dos veículos de divulgação (periódicos científicos), além de outros tipos de produção, como a artística”. Em síntese, o Qualis não qualifica, mas qualifica (as revistas de História). Assim, na ausência de um instrumento do mesmo gênero e amplitude, a recomendação sincera e bem-intencionada da CAPES cai por terra, e o Qualis Periódicos ganha foros de orientador oficial sobre quais revistas de História devem ser evitadas e quais devem receber os nossos artigos.

Desvios na classificação do Qualis

Empregando uma definição do tipo lexical (Salmon, 2022), entendemos por “revista de História” uma “publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas com designações numéricas e/ou cronológicas, e destinada a ser continuada indefinidamente” (ABNT-NBR 2021). Ela se diferencia das demais da classe por ser *de* História – possuir “História” em sua forma primitiva ou derivada, realista ou metafórica no foco/escopo, veiculando ciência histórica – e estar *em* História – ser criada e/ou custodiada por um grupo de pesquisa ou de trabalho, um curso superior de graduação ou de pós-graduação, departamento, faculdade, centro ou instituto, um coletivo privado autodesignado de História ou que tenha por meta institucionalizada produzir “História”.

A CAPES não define “revista de História”, nem mesmo usa a clássica versão que atrela a identidade da revista à identidade de uma instituição de ensino superior na área (Ferrez, 1981; Gauz, 2011). Contudo, induz editores, autores e leitores a acreditar que a identidade histórica de uma revista científica é determinada por sua inserção como membro da “área-mãe História”.

Área-mãe é “aquela em que o número de publicações no periódico [registradas na Plataforma Sucupira, entre 2013 e 2019] foi mais representativo em relação ao total de produções da área” (Brasil, 2023, p. 5) – que difere de outra classe do Qualis: a “área com publicação no quadriênio”. Ao analisarmos o número total de periódicos (3.050) citados na “área com publicação”, constatamos que cerca de 780¹ revistas estão na área-mãe História e que 349 deles são custodiados por instituições nacionais, enquanto 431 vinculam-se a

instituições estrangeiras. Porém, ao submetermos essas 349 nacionais à definição mencionada acima, verificamos que 61 delas (17,5%) não podem ser consideradas revistas de História.

As discrepâncias são de classe (periódico) e de diferenciador (*DE* História e *EM* História). Quanto à classe, temos, por exemplo, o caso dos quatro periódicos que não são revistas, como o blog *A música de: História pública da música no Brasil* (ISSN 2675-3014) e "plataforma híbrida de divulgação de conhecimento científico e jornalístico" intitulada *Amazônia Latitude Review* (2692-7462).

Em termos de diferenciador, temos, por exemplo, nove casos de revistas que não são de História nem indicam pertencimento a outros campos – ou, pelo menos, não encontramos tal indicação no respectivo site. Exemplos desse tipo são a *Revista Científica Unilago* (2318-244X) e a *Revista Casa D'Italia* (2764-0841).

Dez revistas da área-mãe História se autodesignam multidisciplinares ou interdisciplinares, sem incluir o foco ou escopo em história. *Mais que Amélias* (2358-758X) e *Revista do Coletivo Secomba* (2594-9578) são exemplos das primeiras, enquanto *África(s)* (2318-1990) e *Pesquisa & Educação a Distância* (2358-646X) exemplificam as interdisciplinares sem menção à "História".

Quatro outras revistas se apresentam como "de Ciências Humanas", "Humanidades" ou de "Ciências Humanas e Ciências Sociais", mas não especificam quais humanidades ou quais ciências sociais estão representadas. São os casos da *Revista Clóvis Moura de Humanidades* (2448-2269) e da *Revista Hominum* (2316-4808).

No mesmo campo, porém com especificações, há publicações designadas com foco ou escopo em áreas como "Arquitetura", "Arquivologia", "Educação", "Extensão e Cultura" e "Futebol, Linguagem e Artes", entre elas a *Fúlia* (2526-4494) e a *Trama Bodoque* (2764-0639). Também existem publicações destinadas a "Direito", "Ciência Forense" e "Política de Drogas": respectivamente, as revistas *Síntese* (0102-356X), *Evidência* (2675-7486) e *Plató* (2527-2020).

Por fim, há periódicos da área-mãe História autodesignados como revista de "Representologia", ou que resumem o foco/escopo ao pertencimento a uma instituição: *Pretextos* (1982-3592), publicação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, e a *revista do Tribunal Regional Eleitoral do Pará* (2525-3344).

Prestígio futuro indevido

A indução indevida das revistas da "área-mãe História" como revistas "de História" provavelmente provoca a valorização assimétrica de títulos em quase todos os estratos Qualis. A citada revista *Pretextos* da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, por exemplo, tem o mesmo status (Qualis B4) que *(Entre)Linhas* – Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (2965-5293); e a *Revista do Tribunal Regional Eleitoral do Pará*, o mesmo status (B3) que a *Revista Ponta de Lança* (1982-193X) – "periódico científico interdisciplinar, que prioriza as áreas de História, Estudos Culturais, Geografia e Letras, vinculado ao Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste do Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, da Universidade Federal de Sergipe" (UFS).

A revista multidisciplinar *Mais que Amélias* (2358-758X), com status “B2”, está formalmente no mesmo patamar da revista *Veredas da História* (1982-4238) – que é constituída por um grupo de editores das Universidades Federais da Bahia, Sergipe, Pelotas, Rio de Janeiro, da Universidade de Brasília, do Centro Universitário Celso Lisboa e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A revista de “Arquitetura e Urbanismo” *América* (2675-9926), periódico da Pós-Graduação da Escola da Cidade, compartilha o mesmo “B1” da *Ars Histórica* (2178-244X), revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ).

Nos estratos “A” do Qualis, a assimetria também está presente. A revista “interdisciplinar” *Pesquisa & Educação a Distância* (2358-646X) recebe o mesmo “A4” atribuído a *Em Tempo de Histórias* (1517-1108), “revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília” (PPGH/UnB), enquanto a revista de “Relações Internacionais” *Interação* (2375-7975) se iguala à revista *Canoa do Tempo* (2594-8148), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, no estrato “A3”.

Além disso, e para finalizar, constatamos que o mesmo “A2” é compartilhado pela revista de “conexões disciplinares” *Temporização* (1518-6229) e pela revista *História Oral* (1516-7658), e os selos do “A1”, da *Revista Brasileira de História*, da Associação Nacional de História (Anpuh), são também atribuídos à *Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História*, especializada em “Língua e Artes”.

Enquanto esses desvios permanecerem, editores de revistas se revezarão na crítica pública ao relatório do Qualis, na interposição de recursos junto à CAPES, baseando-se em critérios e comparações similares aos que apresentamos aqui. Por outro lado, editores já comemoram os novos resultados, embora isso cause confusão entre os candidatos a autores, como no caso da revista *Albuquerque*, que foi classificada no estrato “A2” e considerada membro da “área-mãe História”. Ocorre que ela deixou de ser “de História” e passou a autodesignar-se “de Estudos Culturais” desde 2025. Estariam os editores prontos a rever o foco/escopo recém-modificado? Alunos e professores dos programas de pós-graduação em História vão se orientar pelo estrato “A2” e pela pertença à área-mãe ou evitarão publicar na revista em virtude da nova orientação (Estudos Culturais) do foco/escopo?

Um novo indicador de qualidade

A vinculação de uma revista à “área-mãe de História” trouxe, contudo, uma boa nova. Ela fornece dados para a criação de um novo índice, que pode ser chamado de Índice de Circulação Interáreas (ICI) ou Índice de Sensibilidade Interdisciplinar (ISI). Trata-se de um mensurador de qualidade editorial baseado na capacidade real de uma revista de História circular, ser apropriada e ser reconhecida por múltiplas áreas do sistema de pós-graduação e de outras instâncias e modalidades de formação histórica profissional.

Apenas com os dados do novo relatório, já é possível afirmar que, de um universo de 309 periódicos (excluídas as versões impressas e as duplicatas), 170 títulos (55%) situam-se nos dois estratos inferiores de circulação interáreas (Q1 – presentes em um intervalo de uma a três – e Q2 – presente em intervalo de quatro a sete áreas), o que caracteriza esse conjunto como majoritariamente endógeno e de baixa circulação sistêmica. Apenas 67 periódicos

(21,7%) alcançam o patamar de alta circulação interáreas (Q4), enquanto 72 títulos (23,3%) ocupam uma posição intermediária (Q3). Esses dados confirmam uma estrutura na qual a maior parte das revistas permanece confinada a circuitos restritos de circulação disciplinar.

O valor dessas categorias pode ser discutido. Ignoramos se a positividade da revista em relação à ciência da História reside na endogenia (revistas *de* História que publicam trabalhos de acadêmicos da pós-graduação em História), considerando a circulação restrita a uma área (História), como ocorre na *Revista Maiêntica – Histórica* (2318-6550) e na *Revista Mundo Antigo* (2238-8788), ou numa ampla abertura a mais da metade das áreas de conhecimento dos programas de pós-graduação (24), como nos casos de *História, Ciências, Saúde – Mangunbos* (1678-4758) e da *Fenix – Revista de História e Estudos Culturais* (1807-6971).

Não sabemos o valor das categorias “médio baixa” e “médio alta” circulação interáreas, nem onde se situam os *Cadernos do Tempo Presente* (1981-3384) e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (2526-1347), presentes em 12 áreas cada, assim como *Manduarisawa – Revista Eletrônica Discente do Curso de História da UFAM* (2527-2640) e *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF* (1413-7704), com testemunhos em 7 áreas cada. Restam, portanto, questões: a amplitude da circulação dependeria do campo de estudos, da idade do periódico, do período considerado na coleta, da natureza funcional da instituição de custódia ou de todas essas variáveis combinadas?

Apesar dessas indefinições, já podemos dizer que do total de 2436 registros da presença de 309 revistas brasileiras de História em 44 das 49 áreas de avaliação da CAPES, quase metade concentra-se na grande área do conhecimento “Ciências Humanas” (46,7%), seguidas pelas grandes áreas “Multidisciplinar” – onde predominam os mestrados profissionais para Professores da Educação Básica (ProEB) e programas de pós-graduação em ciências ambientais – (19,8%) e “Ciências Sociais Aplicadas” (18,6%). Juntas, essas três grandes áreas respondem por 85,1% de toda a circulação interáreas das revistas brasileiras de História. Em contraste, “Linguística, Letras e Artes” aparece com 9,2%, enquanto “Ciências da Saúde” representa apenas 3,7%. As demais – “Ciências Biológicas”, “Engenharias”, “Ciências Exatas e da Terra” e “Ciências Agrárias – somadas, não chegam a 2% do total, confirmando uma inserção praticamente residual das revistas de História nesses domínios.

Após uma possível liberação dos microdados do Qualis, seria possível, por exemplo, precisar as taxas de capilaridade e de concentração da produção de uma revista como a *Espacialidades* (1984-817X) em relação à sua instituição de custódia – periódico dos discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte –, ao sistema de pós-graduação do referido estado, aos demais programas da região Nordeste e aos programas de todas as regiões brasileiras. Também seria possível verificar o grau de inserção de revistas especializadas em ensino de História, teoria da História e História da Educação em mestrados profissionais e acadêmicos de História em relações diretas e cruzadas, envolvendo, por exemplo, as revistas *História & Ensino*, *Teoria da História* e a *Revista Brasileira de História da Educação*, como também o próprio significado de “brasileiro” da *Revista Brasileira de História*.

De um modo geral, poderíamos articular sistematicamente indicadores empíricos apresentados nas revistas – como a substância dos objetos do conhecimento privilegiados, a natureza das instituições de custódia, o fluxo imediato, no médio e no longo prazo (no

ano, no quadriênio etc.), o foco/escopo, sob as categorias de quantidade, qualidade e relação. Tudo isso sem nos subsumir aos índices de citação transnacionais e, principalmente, sem anular a agência das revistas de História à agência dos programas de pós-graduação em História.

O que este exame revela

O exame do atual Qualis Periódicos para a área de História aponta, antes de tudo, para a necessidade de uma depuração conceitual e classificatória do próprio universo avaliado. Enquanto periódicos que não são revistas materialmente, que não pertencem à História ou que não tratam dessa área continuarem a figurar como membros da “área-mãe História”, o sistema seguirá produzindo efeitos de prestígio assimétricos, comparações indevidas e orientações ambíguas para autores, leitores e editores (apesar da extinção do Qualis). Nesse nível, a controvérsia não diz respeito prioritariamente aos estratos, mas à definição do que está sendo classificado, sem a qual qualquer hierarquização se torna, em alguma medida, arbitrária.

Ao mesmo tempo, os próprios dados do Qualis permitem um uso analiticamente mais produtivo do instrumento, desde que abandonemos a pretensão de considerá-lo medida direta da qualidade intrínseca. A proposta do Índice de Circulação Interáreas (ICI) demonstra ser possível deslocar o foco da simples ordenação hierárquica para a descrição das funções sistêmicas efetivamente desempenhadas pelas revistas de História, especialmente sua capacidade de circular, mediar e ser reconhecida por diferentes áreas do sistema de pós-graduação.

Esses achados não autorizam, por si, juízos normativos simples sobre o que seja uma “boa” ou “má” revista de História, mas abrem uma discussão empiricamente controlável sobre os efeitos da idade dos periódicos, de seus projetos editoriais, de suas instituições de custódia e de seus públicos efetivos.

Referências

ALBUQUERQUE: revista de Estudos Culturais. *Albuquerque obtém a classificação A2 na última avaliação Qualis Periódicos*. Aquidauana, 14 jan. 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/announcement/view/468>. Acesso em: 19 jan. 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 6023:2018 – Informação e documentação – Referências – Elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. *O que é o Qualis Periódicos?* Plataforma Sucupira, gov.br, s/d. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. *Plataforma Sucupira – Qualis Periódicos*. 2026. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. *Documento técnico do Qualis Periódicos*. Brasília: Diretoria de Avaliação/CAPES, 2023.

FERREZ, Helena Dodd. *Análise da literatura periódica brasileira na área de História*. Rio de Janeiro, 1981. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GAUZ, Valeria. *História e historiadores de Brasil Colonial, uso de livros raros digitalizados na Comunicação Científica e a reprodução do conhecimento (1995-2009)*. Niterói, 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade Federal Fluminense.

SALMON, Merrilee H. *Introduction to logic and critical thinking*. 6. ed. Boston: Cengage Learning, 2013.

Nota

1. Os números absolutos das revistas pertencentes à área-mãe História – estrangeiras ou nacionais – são aproximativos por causa da presença de repetições de ISSN, da inclusão de uma mesma revista em formato impresso e em formato online, da presença de revista que não indica pertencimento a área do conhecimento, que não apresenta foco/escopo ou que não está disponível na Internet. Este conjunto (15 títulos), contudo, é inexpressivo estatisticamente para o exame da identidade das revistas de História nos termos e definições anunciadas no início do texto.

Autores



Itamar Freitas é doutor em História (UFRGS) e em Educação (PUC-SP), professor do Departamento de Educação e dos mestrados profissional (PROHIS) e acadêmico (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Publicou, entre outros trabalhos, *Uma introdução ao método histórico* (2021) e “Objetividade histórica no Manual de Teoria da História de Roberto Pirgibe da Fonseca” (1903-1986) (2021). ID LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5606084251637102>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0605-7214>. E-mail: itamarfreitasufs@gmail.com.



Margarida Maria Dias de Oliveira é doutora em História, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Publicou, entre outros trabalhos, [Dicionário do Ensino de História](#) (2020), em coautoria com Marieta e Moraes Ferreira, e [Formação dos professores de História: os desafios de uma profissão em processo de reinvenção](#). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5565266295414497>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8542-4173>; E-mail: margaridahistoria@yahoo.com.br.

Para citar esta notícia

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Depurando o Qualis Periódicos para a área de História *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 28, p. 107-114, mar./abr., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).